

Quem tem medo de Sarney?

JOÃO PINHEIRO NETO

19 MAR 1986



Tem medo de Zé Sarney (Presidente, desculpe a intimidade) todo o cidadão atacado do vírus da doença infantil do comunismo que Lenin identificava na esquerda delirante. O revolucionário, bom de copo, que no escurinho do **Antonios** vociferava contra o capitalismo e sorve do escocês caríssimo, premiando o ócio, com recursos desconhecidos, ou com a pendura de sempre. Mal sabe o digno patriota que no gelado vermelho já lhe teriam suprimido a dose em excesso, e metido num **summer** mal lavado atacaria no máximo de garçom.

Por motivos basicamente patológicos esse terrível poluidor sonoro das noites (filante de papo, em mais uma sábia expressão do nosso sábio Almirante) tem pavor de que alguma coisa dê certo. São os messias das más novas. Todo dia, ou toda noite, fecham um grande banco no grito. Descubrem ratinhos da CIA escondidos no sofá da irreflexão cretina. Se o famigerado Marcos é depositado, com pouco sangue, e uma Corazón maravilhosa desponta depois da longa noite de tempestade:

"Olho vivo companheiro, foi fácil demais, há dedo do americano nisso, essa Aquino é suspeita. Não houve o desfecho trágico, acabou-se o impasse. Mais uma dose, amigo".

Outra sina persegue os assustados com Sarney. Absoluto e total irrealismo. Exemplo típico, **Aids e Je Vous Salue, Marie**. Mais de oito milhões de vítimas da esquistossomose, apenas um

exemplo — a China liquidou o problema em quatro anos, (saneamento básico) — vegetam no Nordeste. O grande debate nacional em termos de saúde centra-se hoje em doença elitista, com número de vítimas ridículo, privilegiando prioritariamente alguns excêntricos. Meia dúzia de clandestinos, "maquis" do cinema novo, heróis aos atropelos com as SS sanguinárias, com o vídeo-cassete da perdição de baixo do braço, desafia o rediçivo fantasma da Inquisição, e ergue gigantesco monumento à insensatez. Esse segmento de delirantes tem mais de inocentes do que de perigosos. Fazem o folclore do subdesenvolvimento, a serviço de uma renditora qualquer que lhes asseguraria rios caudalosos de bebida fina, e mil anos de perdão. Há espécies mais perigosas, os ladravazes da direita negativa, os supostos donatários do País, afilhados diretos de Pedro Alva-

res Cabral, que lhes outorgou pessoalmente o direito de espoliar o País **ad eternitatem**. Esses com fins escusos, porém bem nitidos, engordam o fantasma comunista desde 1935, quando tresloucados e heróicos cidadãos tentaram o impossível. São profissionais da calúnia, sempre unidos pelo bolso, tanto quanto os da festiva sempre se dividem pela insensatez e pela tola vaidade. Dizem que se unem na cadeia.

Quando de nossa hospedagem na Fortaleza de Santa Cruz, nos idos de 64, não tei tanta união assim. Discutia-se bem.

Os corruptos, os novos ricos da República Velha, os tais colarinhos brancos, levam pequeno susto, mas ainda não têm motivos reais de apreensão. Não há ainda no País, nem Judiciário, nem polícia, nem vontade de meter traficante graúdo na jaula. Até gerente, continuam intocáveis.

O que treme de medo, portanto a reação é maior, com a estabilidade democrática, com a solidez das instituições políticas, com a inflação debelada, com justiça social, com desenvolvimento sadio, é o chamado **aventureiro político**. O cidadão atraído pela volúpia do mando, pela sede do poder pelo poder, o caudilho carismático que arrastava grupetes de fanáticos antes da Itália unida, nos pampas onde o horizonte se perde de vista, no nosso Rio Grande dos lenços no pescoço, honestos uns, desonestos outros, unidos todos na busca primária de um poder obsessivo e total. Não primam pelo equilíbrio mental. A perseguição do poder é a compensação pelos danos da vida. Não têm sossego, nem quietude d'alma. Transmitem permanente inquietação.

Não se ajustaram consigo mesmo, administram o conflito permanente com quase todos. Muitas vezes são falsos, fazem da mentira a senha predileta para a confusão do incauto entusiasmado. Falam à emoção, nunca à razão. São intuitivos, pouco letrados. Por isso mesmo capazes de um diálogo mais fácil com as grandes massas carentes e desassistidas. A normalidade, de que ordem for, os apavora. Em geral figuras solitárias, desconfiadas, curtidas na infelicidade e no desamor. Não vieram para a construção de um mundo melhor.

Só lhes interessa a pedra na mão.